



ARTIGO | Fluxo contínuo

Juventudes e cultura digital: diálogos a partir da BNCC

Youth and digital culture: dialogues from the BNCC

*Juventud y cultura digital: diálogos del BNCC*Maria Dnalda Pereira da Silva
Manassés Morais Xavier

RESUMO

O presente artigo objetiva situar uma reflexão em que a cultura digital, as juventudes e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino médio são postos em diálogo a partir dos pressupostos do Círculo de Bakhtin, na busca de fomentar discussões em que os jovens são convocados a tematizarem cultura digital, linguagem, tornando-se sujeitos responsáveis e responsivos mediados a partir da interação com o docente. Para tanto, temos por base teórica e metodológica os pressupostos do Círculo de Bakhtin e como corpus de análise a BNCC. Os resultados apontam que a cultura digital é apresentada na Base a partir da relação com as juventudes, possibilitando aos jovens se situarem em relação ao outro, aos seus pares, enfoque que nos permite enxergar uma intensificação da vivência digital entre os jovens, com um olhar para educação que seja emancipatória, crítica, dinâmica e conectada.

Palavras-chave: jovens; BNCC; cultura digital.

ABSTRACT

This article aims to situate a reflection in which digital culture, youth and the National Common Curricular Base (BNCC) of secondary education are put into dialogue based on the assumptions of the Bakhtin Circle, in the search to foster discussions in which young people are called upon to discuss digital culture and language, becoming responsible and responsive subjects mediated through interaction with the teacher. To do so, we have the assumptions of the Bakhtin Circle as a theoretical and methodological basis and the BNCC as a corpus of analysis. The results indicate that digital culture is presented at the Base from the relationship with young people, enabling young people to position themselves in relation to each other, to their peers, an approach that allows us to see an intensification of the digital experience among young people, with a view for education that is emancipatory, critical, dynamic and connected.

Keywords: young people; BNCC; digital culture.

RESUMEN

Este artículo pretende situar una reflexión en la que la cultura digital, la juventud y la Base Curricular Común Nacional (BNCC) de la educación secundaria se ponen en diálogo a partir de los presupuestos del Círculo Bakhtin, en la búsqueda de propiciar discusiones en las que los jóvenes sean llamados a discutir sobre cultura y lenguaje digital, convirtiéndose en sujetos responsables y responsivos mediados por la interacción con el docente. Para ello contamos con los supuestos del Círculo de Bajtin como base teórica y metodológica y el BNCC como corpus de análisis. Los resultados indican que la cultura digital se presenta en la Base desde la relación con los jóvenes, posibilitando que los jóvenes se posicionen entre sí, con sus pares, enfoque que permite ver una intensificación de la experiencia digital entre los jóvenes, con una visión de una educación emancipadora, crítica, dinámica y conectada.

Palabras-clave: gente joven; BNCC; cultura digital.

Introdução

Dialogar sobre juventudes exige um esforço para pensar sobre vivências, linguagens, culturas e estruturas normativas, justamente por instituírem territórios múltiplos de significados, mas pouco explorados. A proposta de traçar diálogos entre a cultura digital, as culturas juvenis e a Base Nacional Comum Curricular (doravante, BNCC) torna-se um terreno fértil, pois possibilita interpretarmos os desdobramentos decorrentes desses diálogos para a educação, sobretudo no ensino médio.

Para compreendermos o conceito de juventudes, é preciso enxergar os jovens como sujeitos ativos, reflexivos e críticos, com vivências e conhecimentos múltiplos na busca por propor intervenções para problemas sociais. É com essa perspectiva que estabelecemos conexão com as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDIC), pois os jovens já estão imersos no chamado ciberespaço, utilizando as TDIC cotidianamente, levando-as para dentro da escola.

Desse modo, voltamos nosso olhar à tríade: juventudes, cultura digital e ensino médio, de modo a perceber um fluxo contínuo da presença das tecnologias digitais na escola, correspondendo ao recorte, à forma e às perspectivas que são adotadas. Assim, a compreensão da cultura digital no espaço escolar convoca reflexões sobre os usos que são feitos e não apenas pela sua presença ou ausência, de modo que recorte recai, neste momento,

sobre a cultura digital e suas possibilidades relacionadas ao ensino e às juventudes.

Sobre a presença das tecnologias na escola, há perspectivas diversas: a que evidencia as interfaces digitais; a que enxerga as TIC como ameaça ou problema para a escola; a que compreende os usos das tecnologias como práticas sociais a partir de valores, ou seja, são práticas sociais e de linguagem, relacionadas aos usos e aos sujeitos que as utilizam, como os jovens - perspectiva com a qual nos filiamos.

Nesse sentido, estabelecemos duas conexões que se tornam dialógicas em sua essência: a) o diálogo entre juventudes e cultura digital, na busca por desenvolver e compreender tais conceitos; b) o diálogo entre cultura digital e os pressupostos do Círculo de Bakhtin, ao convocarmos conceitos importantes, como linguagem, dialogismo, interações que estão na base de nossas análises. Ambos os diálogos têm como ponto de partida a BNCC tomada aqui como uma “arena ideológica”, espaço marcado por diferentes vozes institucionais, como universidades, escolas, pesquisadores que entram em cena e fazem com que a Base se torne dialógica, como sinaliza Szundy (2019).

Tomamos o Círculo de Bakhtin como aporte teórico e metodológico, considerando-o como base para o trabalho com a linguagem, tendo em vista que nos permite melhor compreendermos conceitos que são mobilizados na análise da BNCC.

Isso posto, nosso principal objetivo ergue-se no sentido de situar uma reflexão em que a cultura digital, as juventudes e a BNCC do ensino médio são postos em diálogo a partir dos pressupostos do Círculo de Bakhtin, na busca por fomentar discussões em que os jovens são convocados a tematizarem cultura digital e linguagem, tornando-se sujeitos responsáveis e responsivos mediados pela interação com o docente. Assim, nossa discussão se encaminha no sentido de prover possibilidades de estudos e pesquisas compreendendo docente e discente envolvidos na cultura digital no processo educativo.

Destacamos que trata de uma pesquisa relevante, pois se dedica a pensar sobre três aspectos importantes na Educação Básica Brasileira: o que precisa ser trabalhado? A cultura digital e seus desdobramentos. Quando precisa ser trabalhado? No ensino médio, com os jovens. Como pode ser trabalhado? A partir dos estudos dialógicos do Círculo de Bakhtin. Tal dinâmica ressalta a

relevância de nosso estudo, pois se volta ao atual panorama educacional do país, além de trazer contribuições para a abordagem na cultura digital no ensino médio e para a formação docente.

Juventudes e cultura digital: desenvolvendo conceito, estabelecendo diálogos

Nas últimas três décadas, os estudos sobre juventude têm se ampliado, quebrando algumas visões preconceituosas, como aquelas que classificam a juventude como período de rebeldia, de fase desregrada da vida, dos jovens que “não querem nada com a vida”, concepções politizadas e propagadas, muitas vezes, na escola, na família, nos meios de comunicação, na sociedade. São noções vazias sobre juventudes, mas que nos permitem enxergar a presença dos jovens nos mais diversos campos das atividades humanas e requer reflexões.

No Brasil, após da década de 1950, com a efervescência cultural, política e social dos movimentos de contracultura, transgressores e de protestos houve um aumento considerável da participação dos jovens na sociedade. Fazia-se emergir um grupo social potencialmente forte, dando voz às chamadas cultura da juventude ou culturas juvenis, com destaque para pluralidade, abordagem mais endossada pelos estudos da Sociologia da Juventude.

Para a Sociologia da Juventude, há duas vertentes de compreensão da juventude: a geracional, entende-o de forma homogênea, com foco na busca por características comuns que identifiquem determinada geração; a classista, que entende a juventude a partir de sua diversidade, mas ainda presa à questão das classes sociais (Pais, 1996).

A perspectiva de juventude pautada na faixa etária tem relação com as noções de tempo. A partir da noção de valor, a idade por si só não importa, mas sim o pertencimento, o sentir-se jovem, que é efetivado na medida em que os sujeitos consomem e produzem bens materiais e simbólicos que são comuns aos padrões juvenis. Assim, o conceito de juventude passa a ser visto em uma perspectiva social, histórica e cultural, conduzindo à noção de grupo historicamente construído e localizado, em que o corpo, o tempo e os aspectos sociais modelam os sujeitos.

O viés de valor, que considera condições como trabalho, faixa etária e condições sociais, é utilizado para se refletir sobre a multiplicação das identidades jovens, que são entendidas como móveis e dialógicas. Além disso, a concepção de juventude enquanto transição também é levada em consideração e não pode ser ignorada, tendo em vista que as vivências, experiências e subjetividades dos jovens, orquestram um trajeto, um processo, mas que não se limita a isso, não cabendo uma compreensão de que a juventude é exclusivamente um rito de passagem, visão que deixaria o sujeito jovem em segundo plano.

Para uma melhor clareza, convocamos a voz de Weisheimer (2013, p. 25, grifos nossos) que compreende a juventude enquanto “[...] uma *categoria social* fundada em representações sociais segundo as quais se atribui sentido ao *pertencimento* a uma faixa etária, posicionando os sujeitos na estrutura social.” e entende os jovens como aqueles que “[...] *sujeitos históricos* cujas trajetórias implicam a transição da condição social da criança à vida adulta.”

Dialogamos com esse posicionamento, ao percebermos a juventude como categoria sociológica, uma construção social, cultural e histórica, o que nos permite pontuar que, enquanto expressão de vida social, a juventude é apresentada em sua complexidade e não pode ser definida em função de um único aspecto ou característica, isto é, não é possível, por exemplo, levar em consideração apenas o fator etário. Desse modo, concebemos que os conceitos de juventudes e de jovens são construções históricas, sociais e culturais, que recrutam espaço, tempo, valoração ideológica, cultura, relações sociais, subjetividades, aspectos que indicam a sua pluralidade, além de estarem permeados pelas noções de pertencimentos e de atuações sociais.

Desse modo, ser jovem se torna um ato responsável e responsivo, sobretudo, o jovem contemporâneo, imerso na cultura digital, o que significa que é necessário entender os jovens como sujeitos protagonistas para os quais são propostas e elaboradas orientações curriculares, tendo o professor, também protagonista do processo de ensino, como mediador.

Compreendermos a cultura digital como território movente, que possibilita diálogo e interações sociais em sua dinâmica social. Ao conceituarmos a cultura digital como local móvel e recombinante, consideramos que, assim como o ciberespaço, permite a emergência dos mais diversos tipos de comunidades que

interagem e articulam-se de acordo com os seus interesses e suas necessidades, desconstruindo territórios hierarquizados e construindo novos, em uma dinâmica movente. Nesse esteio, o ciberespaço serve de base para a concretização, por exemplo, das redes sociais digitais como espaços comunicativos e interativos, que permitem a circulação de conteúdo, informações, com características e estruturas que são descentralizadas.

Para Pavan (2017), a cultura digital é o resultado do cruzamento entre cultura-internet, convocando interconexões, diversas formas de compartilhamentos, mecanismos digitais que vêm se propagando e (re)construindo a teia dialógica e comunicativa da sociedade digitalmente constituída. Por isso, assume um caráter plural, o que nos encaminha a reconhecê-lo enquanto território dialógico e recombinante, uma vez que permite o consumo multicultural, oportunizando a expressão de vozes, de diálogos e de interações, confirmando, assim, que estamos em constante processo de desterritorialização, mas, ao mesmo tempo, em constante vigilância, a partir das construções de nossas vivências.

Nesse sentido, a cultura digital pode ser entendida como o exercício, a prática social da cibercultura, ou seja, os modos culturais, as estratégias e os usos que se faz em contextos que estão para além do ciberespaço. Dessa maneira, compreendemos cultura digital como uma teia, uma rede dialógica que convoca atos responsáveis e responsivos. Responsáveis por exigir um posicionamento, uma responsabilização por parte do sujeito; e responsivo por demandar uma resposta, instaurando posicionamentos valorativos e ideológicos.

Sendo um território de redes, a cultura digital cria movimentos dialógico-discursivos e sociais, tornando-se um campo fértil para materialização dos usos das linguagens em diversos contextos e interfaces das TDIC. Isso posto, os conceitos de juventudes e cultura digital se desenvolvem na medida em que estão intimamente relacionados, conectados, tornando-se, pois, dialógicos. Tais interações podem ser observadas no espaço escolar, principalmente no ensino médio.

Ensino médio: considerações necessárias

Etapa da Educação Básica que vem passando por grandes discussões e reformas, o ensino médio talvez corresponda aos anos mais desafiadores para jovens e professores, e os mais complexos em relação às políticas públicas, além de ser considerado momento decisivo para progressão dos estudos e a escolha da carreira profissional. Também entra em cena questões como a falta de interesse por parte dos alunos, a indecisão de escolha dos jovens e os altos índices de evasão e de fracasso escolar. Ou seja, estamos falando de uma etapa da Educação Básica que requer atenção, estudos, diálogos e propostas.

A inserção do ensino médio na Educação Básica enfrentou disputas de poderes, com dualidade acentuada. Até a primeira metade do século XX, essa etapa da educação tinha duas funções: “[...] para uns, foco nas habilidades profissionais; para outros, preparação para ascender ao alto saber desenvolvido pela humanidade.” (Krawczyk, 2014, p. 78). Carneiro (2012, p. 21) destaca o “caráter elitista” do ensino médio, chamando a atenção ao fato de que o propósito dessa etapa da Educação não era de fechar um ciclo, mas de abrir portas para o ensino superior, o que pode ser comprovado com o destaque dado aos vestibulares e aos investimentos em redes privadas. Assim, tornava-se uma seleção dura, pesada e rígida para o ingresso no ensino superior e/ou no mercado de trabalho.

A partir da década de 1940, foi criado um regime de compartilhamento entre Estado e iniciativa privada, no intuito de implantar e manter as escolas profissionais de ensino médio, em função da economia e da baixa qualidade da educação pública. No pós-guerra, essa etapa da educação ganhou espaço na formação de mão de obra qualificada e na formação de uma cidadania política. Nesse esteio, questões como o fracasso das promessas democratizantes e a exclusão de alunos menos favorecidos economicamente fizeram a dualidade do ensino médio ser questionada.

Tratam-se de questionamentos que se tornaram mais produtivos na década de 1960, destacando o efeito discriminatório das seleções para ingresso nessa etapa da educação. Diante disso, as discussões ficaram mais acirradas,

com movimentos e reformas que buscavam trazer um modelo de ensino mais democrático e outros que tinham como proposta restringir o acesso.

Atualmente, as discussões giram em função de uma proposta de ressignificação, com “novo ensino médio”, com debates constantes acerca da criatividade do professor, da adaptação de material didático, de aulas inovadoras, de um currículo frente às demandas da cultura digital e do protagonismo juvenil. Nessas e em tantas outras discussões, observamos que a dualidade ainda existe: ora se pensa na formação voltada ao mercado de trabalho ora na formação integral do estudante.

Percebemos que há uma reivindicação de renovação, com propostas atentas à dinâmica social e ao conhecimento que incorpora ao ensino médio inovações digitais, mudanças e novas perspectivas para seus desdobramentos. A incorporação das tecnologias digitais à educação tem contribuído significativamente para abordarmos uma nova configuração da última etapa da Educação Básica, além de questões voltadas à economia que se fazem presentes quando se pensa os jovens enquanto consumidores e produtores da cultura digital e/ou a sua inserção no mercado de trabalho e/ou no ensino superior.

Krawczyk (2014, p. 88, grifos da autora) destaca que “O trabalho e a construção do saber na escola necessitam reconhecer a existência desse SUJEITO [...]” e nós os reconhecemos como jovens, adolescentes, adultos, ou seja, um público dinâmico, heterogêneo e multifacetado, bem aos moldes da cultura digital e do sujeito enquanto ser-evento (Xavier, 2020), na perspectiva do Círculo de Bakhtin. Isso posto, nossa atenção se volta a analisarmos como a BNCC apresenta os jovens do ensino médio frente à cultura digital.

Juventudes e cultura digital na BNCC do ensino médio: tecendo diálogos, concretizando conceitos

Neste momento, voltamos nosso olhar para os tópicos da BNCC “As juventudes e o Ensino Médio” e “As finalidades do Ensino Médio na contemporaneidade” (Brasil, 2018, p. 462-468), pensando a relação entre cultura digital e juventudes no ensino médio.

A Base do ensino médio traz uma concepção de juventudes atravessada por duas perspectivas: a) uma definição etária, variante, socialmente estabelecida a faixa etária dos jovens, alunos do ensino médio, que corresponde entre 15 e 17 anos, mesmo que tenhamos estudantes fora de faixa etária; e b) uma construção social, histórica e cultural, ao considerar as juventudes em sua pluralidade, e reconhecer os jovens como sujeitos ativos da sociedade.

De tais concepções, observamos que a noção de jovem enquanto construção sócio-histórica e cultural é a que prevalece na BNCC do ensino médio, como podemos observar na Imagem 1, a seguir:

Imagem 1 - Concepção de juventudes na BNCC

a juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo **múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes** (Parecer CNE/CEB nº 5/2011; ênfase adicionada).

Adotar essa noção ampliada e plural de **juventudes** significa, portanto, entender as culturas juvenis em sua singularidade. Significa não apenas compreendê-las como diversas e dinâmicas, como também reconhecer os jovens como participantes ativos das sociedades nas quais estão inseridos, sociedades essas também tão dinâmicas e diversas.

Fonte: (Brasil, 2018, p. 463, negritos no texto da Base)

A Imagem 1 nos auxilia a identificarmos que a Base faz uma menção ao Parecer CNE/CEB nº 5/2011, ao apresentar a juventude como “a condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões.” (Brasil, 2018, p. 462). Além disso, há o destaque para como não devemos compreender as juventudes, indicando que não se trata de um grupo homogêneo e fixo, tão pouco de um rito de passagem da infância à maturidade, ou seja, não cabe pensar em apenas nos aspectos biológicos ou etários.

Há o contato com duas perspectivas importantes: a) a relação com a Teoria Dialógica da Linguagem, pois ao utilizar outro documento, no caso o CNE/CEB nº 5/2011, identificamos aspectos do dialogismo, considerando que todo discurso possui uma orientação dialógica que lhe é natural, visto que entra

em contato com outros discursos (Bakhtin, 2019, [1895/1975]); e b) a relação com estudos da Sociologia da Juventude, propondo uma conceituação de juventude enquanto dinâmica e plural.

Há, pois, na BNCC um diálogo com os estudos da Sociologia da Juventude, na medida em que parte de uma concepção de juventude tradicionalmente revelada pela sociedade, para apresentá-la enquanto categoria, reconhecendo a juventude como um dos vários grupos sociais, na tentativa de desfazer e/ou reformular um discurso que não a reconhece como tal, funcionando como uma ação-resposta ao já dito, aos discursos já proferidos sobre o ser jovem. Tal perspectiva nos permite relacionar com a concepção de Weisheimer (2013) sobre juventude enquanto uma categoria social que tem seu local de pertencimento.

Além disso, identificamos um tripé das condições da juventude: social, histórica e cultural. Entender a juventude a partir do aspecto social implica em observar como os jovens se constituem e se associam enquanto sujeitos sociais, como se comunicam e interagem, visão que nos permite pensar em questões existenciais, como valores, apoio, pertencimento e partilha. Sob o aspecto histórico e cultural, significa pensar nos fatos e acontecimentos históricos e culturais que envolvem os jovens, suas conquistas e definições diversas ao longo do tempo, a aceitação ou não, é a relação entre o ser jovem e o tempo. Os fatores históricos, sociais, culturais, políticos e ideológicos podem formar uma espécie de espaço delimitado onde os jovens transitam e interagem, isto é, são eixos norteadores da condição de juventude que a BNCC sinaliza.

Ao considerar a noção de juventude enquanto categoria, verificamos uma tentativa em desmitificar uma concepção atrelada apenas aos aspectos biológicos e à faixa etária. Assim, a BNCC deixa um discurso que compreende a juventude tendo como pano de fundo os contextos históricos e socioculturais nos quais os jovens se encontram inseridos, o que, mais uma vez, dialoga com a perspectiva bakhtiniana, pois, para o Círculo de Bakhtin, os aspectos contextuais, sociais, históricos e culturais são fundamentais para se compreender os discursos subjacentes aos textos.

A condição cultural de juventude carrega em si a noção de um conceito móvel, de acordo com a cultura com a qual os jovens dialogam. Assim, podemos falar em padrões culturais, em identidades e valores religiosos, condições e

situações familiares, em subjetividade. Nessa dimensão, observamos conteúdos simbólicos e ideológicos que delimitam o conceito de juventude a partir do que chamamos de teia de representações culturais.

Ainda conforme a Imagem 1, a BNCC apresenta como *não* compreender a juventude: “[...] não apenas como diversas e dinâmicas [...]” (Brasil, 2018, p. 463), recuperando, discursivamente, uma visão hegemônica sobre juventude, concepção arraigada à sociedade, que o documento deseja reformular. Assim, a Base caminha na tentativa de trazer uma concepção de juventude assumindo um caráter plural, e não como um grupo homogêneo e fechado. Há, pois, uma valoração da concepção de dinamicidade e diversidade da juventude, entendendo-a enquanto múltipla e dinâmica, que traz para o centro os jovens enquanto sujeitos sociais, sendo necessário assumir a noção *juventudes*, com seu caráter plural, mas também sinalizando que os jovens precisam ser compreendidos a partir de suas singularidades.

Lemos a referência à juventude, no plural, como tentativa de demonstrar a heterogeneidade dos jovens contemporâneos. Interpretamos a BNCC como um discurso que considera os múltiplos aspectos que marcam a diversidade juvenil, o que justifica a opção pelo termo “juventudes” em nosso título. Ao inter-relacionar o caráter plural com o caráter singular, indicamos que o discurso da Base reconhece o jovem como sujeito crítico e atuante, enquanto ser-evento (Xavier, 2020), aos moldes do pensamento do Círculo de Bakhtin.

Quando compreendemos o jovem do ensino médio enquanto ser-eventivo, entendemos esse jovem como “[...] um ser humano inserido em uma realidade concreta “amorosamente afirmada”, que assume diferentes tons emotivo-volitivos em determinadas circunstâncias.” (Xavier, 2020, p. 62, aspas do autor). Tal perspectiva dialoga com o discurso da Base que valora as juventudes e o protagonismo juvenil, apresentando os estudantes enquanto sujeitos críticos e atualmente socialmente, confirmando o diálogo apontado em nosso objetivo, isto é, a relação entre juventudes, cultura digital, ensino médio e o Círculo de Bakhtin presente na BNCC.

Ao pôr as juventudes como centro, há uma intencionalidade de romper com a tendência de enxergar o jovem pelo lado negativo, como o causador de problemas sociais, como aquele que “não quer nada com a vida”, que “não pensa do futuro”, concepção que lhe negaria o presente em construção, a sua

condição, a sua vivência e existência. Rompendo com essa visão, a Base apresenta um discurso que pretende pôr o jovem no cerne de discussões que nos levam a refletir quais jovens estão presentes em nossas escolas, trazendo os pontos positivos e as contribuições do ser jovem, enxergando-o como sujeito ativo socialmente. Assim, não se nega o presente vivido, mas dá-lhe chance de construir vivências nos mais diversos campos da atividade humana, indo além de identificar que estão ali presentes, permitindo que deixem suas contribuições.

Ainda recuperando a Imagem 1, chamamos a atenção para o destaque dado à participação social do jovem, o que traz a compreensão de que, para o conceito de juventude ser legitimado, é necessário que ocorra uma participação social, o que pode ser lido como um terreno complexo, pois, o que significaria ser ativo socialmente: estudar, ser orientado para o trabalho, ser crítico e atuante socialmente ou apenas comprimir com as demandas da sociedade capitalista que necessita formar novos produtores e consumidores da cultura digital?

Diante disso, inferimos que há na BNCC um discurso de juventude que se configura por uma dupla função: a) atender às demandas da sociedade contemporânea, que já orienta o jovem para o mercado de trabalho; b) atender às exigências para formação integral dos sujeitos. São concepções que se aproximam da noção de ensino médio, que busca com as novas reformas e normatizações, focar nas competências e habilidades essenciais que os estudantes devem desenvolver ao longo dessa etapa da educação, promovendo a formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos para atuarem ética e responsivamente na sociedade, fazendo uso da cultura digital.

Diante disso, entendemos que o discurso da BNCC traz um conceito de juventudes considerando que os jovens ocupam lugares diversos e que pertencem a culturas heterogêneas, com seus aspectos socioculturais aos quais estão submetidos. Desse modo, a BNCC insere os jovens no universo digital, propondo um diálogo entre cultura digital e juventudes.

Para melhor elucidarmos essa relação, convocamos a Imagem 2, a seguir:

Imagem 2 - Os jovens do ensino médio inseridos na cultura digital

No Ensino Médio, por sua vez, dada a **intrínseca relação entre as culturas juvenis e a cultura digital**, torna-se imprescindível ampliar e aprofundar as aprendizagens construídas nas etapas anteriores. Afinal, **os jovens estão dinamicamente inseridos na cultura digital, não somente como consumidores, mas se engajando cada vez mais como protagonistas**. Portanto, na BNCC dessa etapa, o foco passa a estar no **reconhecimento das potencialidades das tecnologias digitais** para a realização de uma série de atividades relacionadas a todas as áreas do conhecimento, a diversas práticas sociais e ao mundo do trabalho. São definidas competências e habilidades, nas diferentes áreas, que permitem aos estudantes:

Fonte: (Brasil, 2018, p. 474)

Conforme a Imagem 2, a BNCC sinaliza a intrínseca relação as culturas digital e juvenil, indicando a necessidade de ampliação e aprofundamento dos trabalhos com as tecnologias digitais, no ensino médio, o que sugere que a Base prevê que o educando já deveria ter tido contato com a cultura digital nas etapas anteriores da educação.

Ao indicar que os jovens estão dinamicamente inseridos na cultura digital, o discurso da Base concebe esses jovens como pertencentes à dinamicidade própria da sociedade, chamando a atenção para um detalhe importante: eles não são apenas consumidores, mas também produtores, protagonistas da cultura digital. Assim, a Base ressalta que os jovens precisam vivenciar práticas sociais de uso das linguagens em diferentes materialidades, sobretudo, aquelas relacionadas às TDIC.

A BNCC apresenta as tecnologias digitais como responsáveis pela criação de novos fluxos e novas possibilidades para as juventudes contemporâneas, trazendo o meio do digital como uma das formas do jovem se comunicar, interagir, aprender, produzir e compartilhar conhecimento. Desse modo, enxergamos a evidência dada à cultura digital como propiciadora de modificação no comportamento dos jovens, de acordo com as demandas sociais, nos mais diversos contextos.

Ao pensarmos nos jovens e na sua relação com a cultura digital, percebemos que os estudantes já vêm para escola imersos nessa cultura. Não é, necessariamente, na escola que os jovens conhecem o digital, mas podemos até nos arriscar a dizer que é por meio das juventudes que a escola pode

conhecer o digital e pode enxergá-lo enquanto potencial interface para o ensino. Esses jovens são chamados *Homo Zappiens*, o *ciborgue*, os nativos digitais, a geração espontânea, e são esses que chegam à escola.

Nesse sentido, a BNCC nos encaminha a enxergamos os jovens envolvidos na cultura digital enquanto sujeitos que estabelecem laços sociais, interações, constroem conhecimentos, interagem e promovem conexões no mundo real e no mundo virtual. As condições sociais, a maneira e a forma de vivenciar as juventudes tornam-se virtualmente reais.

Ainda conforme a Imagem 2, a BNCC orienta que, no ensino médio, “[...] o foco passa a estar no reconhecimento das potencialidades das tecnologias digitais para realização de uma série de atividades [...]” (Brasil, 2018, p. 474). Tal orientação traz um discurso de que as TDIC e a cultura digital possibilitam a construção de novos ambientes culturais e de trabalho, novos cenários que os jovens precisam explorar. Há, portanto, no contato entre culturas juvenis e cultura digital, o surgimento de um território recombinate, bem aos moldes da cibercultura e que permite diálogos e interações, aos moldes do Círculo de Bakhtin, em um processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, podemos falar em práticas sociais da cultura digital quando os jovens estão constantemente conectados, por meio, por exemplo, do aparelho celular para se comunicar, interagir, estudar, pesquisar, utilizar as redes sociais, formar de grupos no *WhatsApp*. São essas e tantas outras práticas sociais digitais que a BNCC do ensino médio traz como possibilidade para o ensino, para se pensar os jovens inseridos na cultura digital enquanto sujeitos que se movem nas interfaces digitais possibilitando a experimentação, a autoaprendizagem e o compartilhamento de saberes.

Nesse sentido, a BNCC se veste de um discurso de que as tecnologias digitais e a cultura digital podem ser enxergadas como mecanismos de construção, de edificação dos jovens enquanto sujeitos, como as redes sociais, que oferecem um espaço de diálogo, de interação, sem exigir a exposição dos seus rostos; os fones de ouvidos, que possibilitam que eles se desliguem do mundo real, oferecem um desconectar-se da realidade, mesmo estando fisicamente presente. Este último exemplo pode ser observado na sala de aula, quando o aluno tenta, a todo custo, passar a aula com os fones de ouvidos. Fisicamente, ele está presente na aula, por vezes, até copiando e reproduzindo

o que lhe “repassado”, mas, por meio do que ouve, pode transcender esse espaço físico delimitado da sala, mergulhando no seu universo interior ou exterior, explorando o ciberespaço.

A Imagem 2 ainda nos permite compreender que no discurso da BNCC há a orientação para enxergarmos o reconhecimento das potencialidades das tecnologias digitais, ou seja, para concordarmos como verdadeiro, como legítimo; não há uma orientação, por parte do texto da Base, neste caso, para o uso crítico dessas potencialidades, para verificação ou reflexão. Tal perspectiva vai ao encontro da própria ideia de que os estudantes jovens são protagonistas da cultura digital, posto que, por esse discurso, esses sujeitos podem ser enxergados como sujeitos passivos, que receberão as tecnologias, até as reproduzirão, mas em uma visão estática, que mecaniza as TDIC, que as põe como ferramentas e não interfaces de diálogos, de conhecimento e de ensino.

Todavia, não analisamos tal discurso como negativo, mas como possibilidades de leituras, o que é bem produtivo, comungando com o conceito de dialogismo do Círculo de Bakhtin de que não há um único discurso, uma verdade absoluta, mas que há discursos que precisam ser compreendidos e analisados. Além disso, há no discurso da BNCC uma conotação da cultura digital típica das juventudes, ou seja, a cultura digital viabiliza a construção das culturas de pares, a construção de uma identidade e de um pertencimento.

Além disso, diante do que apresentamos na Imagem 2, cabe refletir sobre o que viria a ser protagonista da cultura digital. O modo de engajamento, produção e discussão típico da internet e das redes sociais, que é muito mais dinâmico, imediato, efêmero e sintético, é considerado pela BNCC, que apresenta um discurso que considera o “fascínio” das juventudes pelos meios digitais.

Desse modo, verificamos um discurso na BNCC voltado à garantia das aprendizagens, de modo que os jovens possam atuar na sociedade em constantes transformações, e a escola possa “[...] prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos.” (Brasil, 2018, p. 473).

O diálogo entre cultura digital e juventudes também pode ser constatado quando a BNCC pontua o que deve ser garantido ao educando, como podemos observar na Imagem 3, a seguir:

Imagem 3 - O que a cultura digital deve permitir aos jovens do ensino médio

- buscar dados e informações de forma crítica nas diferentes mídias, inclusive as sociais, analisando as vantagens do uso e da evolução da tecnologia na sociedade atual, como também seus riscos potenciais;
- apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdos em diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho;
- usar diversas ferramentas de *software* e aplicativos para compreender e produzir conteúdos em diversas mídias, simular fenômenos e processos das diferentes áreas do conhecimento, e elaborar e explorar diversos registros de representação matemática; e
- utilizar, propor e/ou implementar soluções (processos e produtos) envolvendo diferentes tecnologias para identificar, analisar, modelar e solucionar problemas complexos em diversas áreas da vida cotidiana, explorando de forma efetiva o raciocínio lógico, o pensamento computacional, o espírito de investigação e a criatividade.

Fonte: (Brasil, 2018, p. 474-475, destaques nossos)

Na Imagem 3, voltando nossa atenção aos verbos que encabeçam cada ação, podemos observar que *buscar, apropriar, usar, utilizar, propor e implementar* denotam o desenvolvimento de uma **aprendizagem ativa, trazendo uma proposta que põe o estudante como protagonista, o que dialoga com a concepção de ser-evento**. Assim, há uma perspectiva de cultura digital capaz de gerar possibilidades aos jovens, relacionando-se com a noção de letramento digital (Coscarelli e Ribeiro, 2021), isto é, a capacidade que as pessoas desenvolvem para lidar com práticas sociais de compreensão e de produção de textos (ler, compreender, produzir, individual e colaborativamente) em ambientes digitais, explorando as multissemioses das linguagens.

Em vista disso, a Base sinaliza que ter domínio crítico-estratégico das interfaces digitais é mais que necessário, pondo o letramento digital como prática social e socializante, e também recombicante e dialógica, assim como a cultura digital, que precisa ser orquestrado pelos jovens nos mais diversos contextos, dentre eles, o educacional.

Nesse sentido, a Imagem 3 nos encaminha a enxergarmos que a BNCC insere os jovens no âmbito dos multiletramentos (Rojo, 2012), com ênfase na interatividade e no aspecto democrático, trazendo à cena os jovens que precisam fazer uso, propor e implementar soluções envolvendo diferentes tecnologias, utilizar diferentes *softwares* e aplicativos para produzirem

conhecimentos, apropriarem-se de diferentes linguagens da cultura digital, de modo crítico e reflexivo, avaliando os aspectos positivos e negativos.

Enxergamos que a valoração das juventudes e seu diálogo com a cultura digital está constantemente no discurso da BNCC, que toma o digital como possibilidade para a definição das finalidades do ensino médio na contemporaneidade, destacando as características da escola que acolhe as juventudes, considerando, dentre outros aspectos, o desenvolvimento tecnológico. A Base orienta que a escola acolhedora das juventudes precisa se estruturar de modo a, dentre outras ações, “viabilizar o acesso dos estudantes às bases científicas e *tecnológicas* dos processos de produção do mundo contemporâneo, relacionando teoria e prática.” (Brasil, 2018, p. 467, grifos nossos).

Além disso, destacamos que BNCC põe a cultura digital e juvenis em uma relação de interdependência, podendo se relacionar à lógica do mercado, à publicidade de produtos consumidos e produzidos pelos jovens. Assim, cabe refletir até que ponto as culturas juvenis podem ser compreendidas na relação com as tecnologias digitais na vida cotidiana dos jovens.

Szyndy (2019, p. 131) tece uma crítica a esse respeito. Para a autora, a Base, ao ter esse foco,

[...] parece privilegiar uma versão mais tecnicista e autônoma dos letramentos. [...] Busca-se, portanto, preparar indivíduos para (inter)agir de forma competente e hábil na sociedade neoliberal, mas com pouco (ou nenhum) aparato crítico para questionar suas iniquidades.

O que a autora problematiza pode ser observado na Imagem 3. Quando o discurso da Base considera que a cultura digital deve permitir aos jovens “propor e implementar soluções”, traz em si um caráter técnico, pondo o digital como ferramenta para solucionar problemas sociais, mas também enquanto elo entre sociedade e jovem, visto que, este se envolverá com a sociedade. No entanto, pode-se, assim, mecanizar a educação e enxergar a cultura digital na relação com as juventudes apenas como uma porta de entrada para o mercado de trabalho, um trabalho técnico, mecânico e nada questionador. Isso é preocupante e exige reflexões.

A BNCC, no componente de Língua Portuguesa, também considera os diálogos entre cultura digital e culturas juvenis como uma das condições para a progressão das aprendizagens, como ilustramos na Imagem 4, a seguir:

Imagem 4 - A progressão das aprendizagens em função da cultura digital e das culturas juvenis

- o *incremento* da consideração das *práticas* da *cultura digital* e das *culturas juvenis*, por meio do aprofundamento da análise de suas práticas e produções culturais em circulação, de uma maior incorporação de critérios técnicos e estéticos na análise e autoria das produções e vivências mais intensas de processos de produção colaborativos;

Fonte: (Brasil, 2018, p. 500, grifos nossos)

Há, na Imagem 4, termos importantes que merecem nossa atenção, como *incremento* e *práticas*. Quando o texto da Base faz referência a incrementar, inferimos que a cultura digital e as culturas juvenis precisam ser mais desenvolvidas, fomentadas, reforçando que elas já deveriam ter sido trabalhadas nas etapas anteriores ao ensino médio.

O termo *práticas* carrega em si o sentido que é necessário compreender tais culturas enquanto ações, o que permite estabelecer diálogo com Perrenoud (2000), quando ele indica que a noção de competência estar relacionada à prática social, pois, pensar o “incremento das considerações das práticas da cultura digital e das culturas juvenis” (Brasil, 2018, p. 500) aponta para o desenvolvimento de competências.

Todavia, ao apresentar que as aprendizagens essenciais devem ser concretizadas por meio do desenvolvimento das competências, a BNCC orienta para a progressão dessas aprendizagens em função das culturas juvenis e da cultura digital, a partir da perspectiva de adaptação, o que pode camuflar o protagonismo e a autonomia defendidos pelo discurso da Base.

Tal observação é pertinente porque ao indicar que deve haver uma “[...] maior incorporação de critérios técnicos e estéticos na análise e autoria das produções e vivências mais intensas de processos de produção colaborativos” (Brasil, 2018, p. 500) em função da cultura digital e das culturas juvenis, como observamos na Imagem 4, o discurso da BNCC pode recrutar o fator de

produção no sentido capitalista e trabalhista, privilegiando os projetos profissionalizantes em detrimento de outras perspectivas dos jovens, produzindo um terreno fértil, mas também perigoso.

Analisando ainda a Imagem 4, é possível resgatar o discurso de Pais (2017, p. 53-54), ao destacar que: “No domínio das culturas digitais, os jovens reivindicam experiências subjetivas no âmbito de uma política digital para a vida, mas também demandam formas de participação marcadas por valores de partilha e solidariedade.” Essas experiências e vivências parecem ser deixadas em segundo plano pela BNCC do ensino médio, na medida em que foca em uma proposta que pode unificar, nivelar e padronizar a Educação Básica Brasileira, deixando em segundo planos as singularidades.

Compreendemos que as tecnologias digitais e a cultura digital são postas como caminhos que permitem que os jovens estabeleçam diálogos e interações entre si, por meio das quais eles vão construindo a cultura de pares. É a cultura de pares, desenvolvida no meio digital, que pode prolongar e intensificar as relações entre os jovens. Desse modo, o contato, a comunicação e a interação via tecnologias digitais, são compreendidas como *links* de oportunidades de compartilhamentos de saberes, vivências e culturas.

Ao apresentar como um dos fundamentos básicos de ensino e da aprendizagem das Linguagens, “[...] a participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens” (Brasil, 2018, p. 481), a BNCC do ensino médio confirma a cultura digital como uma manifestação de linguagem. Desse modo, os jovens estariam participando socialmente por meio do digital, ou seja, por meio da linguagem interconectada.

Isso posto, também apontamos uma conexão intergeracional (professores e estudantes), compreendendo que o docente, assim como o discente, é protagonista do processo educacional, de modo que, para a concretização do protagonismo juvenil, é necessário um mediador, um agente responsável por estabelecer o diálogo entre juventudes, práticas de linguagem e cultura digital.

Assim, é possível criar um novo *link* no qual temos de um lado o estudante, considerado nativo digital, *ciborgue*, e, de outro, o professor, formado a partir de práticas e vivência analógicas. Estamos, pois, falando de estudantes inseridos em culturas digitais contemporâneas, mas formados por professores e

em escolas aos moldes analógicos, o que permite reflexões e discussões profícuas.

Quando pensamos na necessidade dos usos da cultura digital, o que foi claramente forçado com a urgência do um ensino remoto face à pandemia da Covid-19, notamos carências na formação docente, com os inúmeros relatos de professores que não tinham desenvolvido habilidades digitais e padeceram para desenvolverem suas aulas remotamente com os usos das TIDC. Além disso, as inúmeras dificuldades a nível escolar, com instituições que não tinham recursos tecnológicos, dentre vários outros problemas, sem falar na lacuna na formação inicial e continuada de professores capazes de permitir ao professor a interação com as múltiplas ferramentas da comunicação e informação.

Diante disso, é necessário desencadear reflexões sobre como podemos conduzir o processo educativo considerando tanto discente quanto docente como sujeitos sociais, seres-eventivos. Assim, na medida em que o estudante já vive a cultura digital, o professor, em sua maioria, precisará aprender a vivenciá-la e inseri-la em suas aulas. Isso significa que, como sinalizam Rabello e Tavares (2022), programas formais de formação inicial e continuada de professores devem incluir o desenvolvimento das competências tecnológicas em seus currículos, na busca por formar profissionais capazes de utilizar as tecnologias digitais de modo crítico. Desse modo, enxergamos o professor como um ator social em (re) construção e responsável por transformações sociais, ou seja, é um agente social transformador responsável e responsivo.

Ressaltamos, pois, que compreender e refletir sobre cultura digital de forma crítica, evitará uma postura demasiadamente extremista, excludente, otimista ou encantadora. Assim, sinalizamos a necessidade de se ter um posicionamento crítico, equilibrado e sensato sobre potencialidades e desafios que a cultura digital pode viabilizar à educação.

Isso posto, sinalizamos a necessidade e a urgência de reflexões que ampliem os *links* da cultura digital para a formação docente inicial e continuada, pensando as demandas sociais já sinalizadas na BNCC, demandas essas que chegam às Universidades e precisam ser acolhidas, refletidas e trabalhadas, considerando os novos arranjos discursivos promovidos pela cultura digital.

Considerações finais

Consideramos que a BNCC põe as juventudes, ensino médio e a cultura digital como instâncias dialógicas, considerando que os artefatos tecnológicos estão orquestrando novas formas de organização social, novas formas de linguagem, afetando na maneira de produzir e desenvolver conhecimentos, nas formas contemporâneas de ensinar e de aprender.

Compreendemos que a cultura digital, portanto, é apresentada na BNCC em diálogo com as culturas juvenis, com as juventudes, por trazer possibilidades aos jovens de se situarem em relação ao outro, em relação aos seus pares, enfoque que nos permite enxergar no discurso da Base do ensino médio uma intensificação da vivência digital entre os jovens. Assim, há um eu projetado no espaço virtual, espaço propício para o diálogo, para a interação, mesmo que não seja face a face.

Tal perspectiva orchestra mudanças significativas na educação, visto que ao conceber o educando enquanto protagonista, ele se sentirá motivado a construir seu conhecimento, de modo que o professor possa mediar esse processo, de modo a destacar o protagonismo juvenil.

A Base nos permite compreender que os jovens, que estão para além do espaço escolar, utilizam as tecnologias cotidianamente, mobilizam-se em redes, interconectam-se, tecem diálogos, constroem comunidades, formando uma grande teia dialógica e interativa. Assim, a internet pode oferecer uma cultura da autonomia e do protagonismo, destacando o seu caráter inovador e libertador, a depender, claro, da maneira como é utilizada e trabalhada no contexto de ensino.

Nesse esteio, o discurso da Base compreende os jovens como produtores da cultura digital e não apenas consumidores. É desse jovem que o discurso da BNCC se refere quando destaca que os jovens estão inseridos na cultura digital. É essa juventude que compõe os sujeitos da escola, de modo especial, os discentes do ensino médio que estão em constante diálogo com a cultura digital, sujeitos dessa cultura, sendo, assim, protagonistas. Portanto, compreendemos que os jovens se apropriam dos meios de comunicação e de interação, com uso das tecnologias digitais, assinalando o potencial que as culturas juvenis têm de agregar e de compartilhar informações, conhecimentos, em um movimento recombinante típico da cultura digital.

Isso posto, pontuamos que quando se trata de cultura digital, a cada instante novos links são produzidos, são interligados. Assim, é preciso pensar de uma forma intergeracional (docentes e discentes), considerando tanto estudante quanto professor como agentes sociais responsáveis e responsivos pelos usos e produção a cultura digital, apontando para as demandas de uma formação de professores que leve em consideração as demandas das culturas digitais e juvenis.

Referências

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução, posfácio, e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1895/1975].

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf>. Acesso em: 05 jan.2024.

CARNEIRO, M. A. **O nó do Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 21-27.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3.ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2021.

KRAWCZYK, N. Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio. In.: DAYRELL, J; CARRANO, P; MAIA, C. L. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 75-98.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 1996, p. 9-36.

PAVAN, P. D. **A cultura digital como acontecimento: movimentos na rede dos sentidos**. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RABELLO, C. R. L.; TAVARES, K. C. do A. Competências digitais docentes para a integração crítica das tecnologias digitais em educação. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; GONÇALVES, Lilia Aparecida Costa (Orgs). **Cultura digital, educação e formação de professores**. São Paulo: Pontocom, 2022, p. 123 – 147.

ROJO, R. H. Pedagogia dos multiletramentos na escola: diversidade cultural e de linguagens na escola. In.: ROJO, R. H; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

SZUNDY, P. T. C. A Base Nacional Comum Curricular e a lógica neoliberal: que língua(gens) são (des) legitimadas? In.: GERHARDT, A. F. L. M; AMORIM, M. A. de (Orgs.) **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas**. Campinas. SP: Pontes, 2019, p. 121-151.

WEISHEIMER, N. *et al.* Sociologia da juventude. – Curitiba: **Intersaberes**, (Série Por Dentro das Ciências Sociais), 2013.

XAVIER, M. M. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCEG, 2020.

Editor(a) responsável: Fernando Cezar Ripe da Cruz

Recebido em: 10/02/24

Aceito em: 16/07/25

Maria Dnalda Pereira da Silva

Doutoranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande; professora Língua Portuguesa; membro de Grupos de Pesquisas sobre linguagem, interação, cultura e ensino. Desenvolve pesquisas relacionadas à cultura digital, à Base Nacional Comum Curricular e à formação de professores, a partir dos estudos dialógicos do Círculo de Bakhtin.

✉ dnaldapsilva@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/4491488102086195>

 <https://orcid.org/0000-0001-5785-6270>

Manassés Moraes Xavier

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba; professor de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal de Campina Grande; e desenvolve pesquisas na área da linguagem a partir dos estudos dialógicos do Círculo de Bakhtin.

✉ manassesmxavier@yahoo.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/7230669265797896>

 <https://orcid.org/0000-0002-2628-8183>